

CAPÍTULO III

N'QABA (*)

Pouco se sabe desta enigmática e conflituosa figura que desaparece de um local para reaparecer em outro assaz distante, em incursões fulgurantes que visavam frequentemente o saque dos seus próprios confrades tribais.

Sendo alguns autores (⁵⁴), depois da derrota sofrida por Zwide em 1818 ou 1819, ter-se-ia registado uma obscura disputa entre N'qaba e Sochangana, ambos do clã Nxumayo e, portanto, parentes agnáticos do vencido. A sua partida da terra natal teria coincidido com a daquele seu parente e com a de Zwanguendaba, ligado a Zwide por laços de base matrimonial.

Todavia a maioria dos testemunhos afirma que à testa do clã Messane e de outros aderentes, partiu da região da Baía de Santa Lúcia, tendo-se refugiado, como referimos, junto de Ngwana, chefe do clã swazi dos Maseko, com quem desenvolveu sólida amizade. Este, posteriormente, temendo a vingança de Chaka, decidiu também partir para o Norte, acompanhado pelos seus súbditos.

Sochangana, N'qaba e Zwanguendaba permaneceram por algum tempo no actual distrito de Lourenço Marques. O último, depois de haver obtido autorização do primeiro para partir, mandou seguir na vanguarda, com uma pequena escolta, as mulheres, as crianças e as manadas de gado, ficando com o grosso do exército a proteger a retaguarda. Sochangana,

(*) O nome deste chefe aparece escrito das mais variadas maneiras devido ao clique inicial, sem representação fonética adequada.

à traição, despachou uma força em marchas forçadas com a incumbência de se apoderar dos cobiçados bens que à frente seguiam confiantes e sem grande protecção. Assim que souberam da aleivosia, os guerreiros de Zwanguendaba retrocederam caminho e, conseguindo encontrar os assaltantes carregados com os despojos, atacaram-nos sem demora e reapoderaram-se do que lhes pertencia. N'qaba, aproveitando-se da situação, assaltou algumas povoações de Sochangana e, levando as mulheres e as manadas apreendidas, dirigiu-se para oeste. Este último, decidido a recuperar o que lhe fora roubado, lançou-se em perseguição de N'qaba e, batendo-o, alcançou os seus objectivos. Zwanguendaba, entretanto, conseguiu escapular-se para o distante país venda donde expulsou os Masekos de Ngwana e onde se fixou durante algum tempo.

A segunda notícia que possuímos de N'qaba data de cerca de 1823 quando, no país pedi, se envolveu em conflito com o próprio Mzilikazi, o chefe angune que havia decidido abandonar Chaka.

Atravessando o Alto Save parece ter inicialmente confinado o seu interesse às terras altas a oeste do meridiano a 32° de longitude este ⁽⁹²⁾, livres de malária e de tsé-tsé.

Em data que deve situar-se cerca de 1827, desceu até ao vale do Limpopo para atacar Sochangana obrigando-o a bater em retirada para a margem direita do rio ⁽⁹²⁾.

João Julião da Silva ⁽⁹⁴⁾ faz alusão aos saques, devastações e morticínios que N'qaba e os seus guerreiros desencadearam ao sul do Save.

Justamente nesta região Erskine ⁽⁹²⁾ parece ser o único autor que recolheu acerca de N'qaba referências agradáveis:

«N'qaba era um homem rigoroso em questões de honra e justiça; desde que não tivesse a enfrentar desacatos ou rebeliões, tratava conquistadores e conquistados com a maior equidade. A sua memória é ainda reverenciada e amada pelos Thongas que afirmam ter-lhes ele ensinado o significado da justiça, por lhes assegurar o direito ao gado e à propriedade e por controlar a tirania; mas isto devido mais à influência de um primeiro-ministro favorito do que à sua expressa vontade.»

Regressado ao norte do Save e invadidas as terras dos Dandas, cerca de 1827, seguiu para montante, ao longo do vale, até à Quissanga, onde se estabeleceu por alguns anos. Segundo uma tradição recolhida recentemente por Branquinho, os invasores fixaram-se sobretudo no território das actuais regedorias Mapungwana (sede) e Macuena (Gogoi). Partidos desta base, os regimentos de N'qaba devastaram sistemática-

mente o actual distrito da Beira atacando Quiteve, Bandira e Manica, repetidas vezes, entre 1830 e 1835. Há notícia de que em 1832 contava entre os seus tributários o estabelecimento português na foz do Save ⁽¹²⁰⁾.

Na Gorongosa, N'qaba veio a encontrar-se com Magadhela, então regente do estado nómada dominado pelos seus velhos amigos do clã Maseko, que fugiam de Zwanguendaba. Depois de se aliarem, infligiram-lhe tão pesada derrota, em 1834 ou 1835, que este, pouco pois, decidiu atravessar o Zambeze, perto do Zumbo.

As recentes pesquisas de G. Nurse ⁽¹²²⁾ fazem crer que muitos dos representantes dos clãs vangunes que na companhia de N'qaba deixaram o país ndwandwe devem ter preferido transferir a sua vassalagem para os chefes masekos.

Os regimentos de N'qaba continuaram a devastar o interior, ameaçando Sena em 1835 e atacando Sofala em 1836. Quanto ao ataque efectuado contra Manica em 1835 é difícil apurar se foi da responsabilidade de N'qaba ou de Ngwana, parecendo mais provável deste último.

Entretanto, Sochangana, que se havia transferido para o vale do Limpopo, em 1827, decidiu invadir o norte do Save cerca de 1836. Ao que parece soube habilmente aproveitar-se do amotinamento de um dos regimentos de N'qaba, que se havia revoltado devido à proibição de matrimónio imposta aos seus guerreiros ⁽⁹⁴⁾.

Sabe-se ter sido em 1836 ou 1837 que se travou entre os dois chefes vangunes a batalha decisiva, num local actualmente designado por Kenilworth, a leste de Chipinga, na Rodésia.

N'qaba, derrotado, escapou-se com os sobreviventes para o longínquo país barotze, na fértil planície, ciclicamente inundada, sita na margem norte do Zambeze. O chefe kololo Sebetwane, que tinha conquistado a região e dominado os Lozis, atraiu os invasores a uma área estéril onde foram isolados pela cheia anual. Com os seus homens dizimados pela fome, N'qaba acreditou em alguns Lozis que se ofereceram para o transportar de canoa. Mas, concertados com Sebetwane, afogaram-no, à traição, cerca de 1840.

Segundo D. G. Abraham (*) existem, nas proximidades de Secheke, na actual Zâmbia, alguns indivíduos que se afirmam descendentes de N'qaba.

(*) Comunicação pessoal de G. Liesegang.